

ESTADIA DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA PARA ESTUDAR RITUAIS AFRO-BRASILEIROS, UFRGS, PORTO ALEGRE, BRASIL

Hélisenne Lestringant¹

Resumo

Relato a pesquisa desenvolvida nos meses de julho e agosto de 2022 na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Nesta oportunidade estive como pesquisadora com bolsa CIERA (França), instituição vinculada ao Centro de Estudos Europeus e Alemães, em um de seus projetos sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O estágio de pós-doutorado foi privilegiadamente hospedado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, de forma especial no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) e no Banco de Imagens em Efeitos Visuais (BIEV), participando de disciplinas e reuniões. O tema da minha pesquisa tratou da performance de rituais afro-brasileiros e a relação com o teatro. Esse relato toma a forma de um diário de viagem, porque meu aprendizado e minhas descobertas ocorreram muitas vezes na forma de um encontro casual. Esta escrita segue uma ordem cronológica para mostrar as sequências de eventos.

Palavras-chave: Intercâmbio Internacional, Performance, Rituais, Teatro, Antropologia.

RESEARCH STAY IN ANTHROPOLOGY TO STUDY AFRO-BRAZILIAN RITUALS, UFRGS, PORTO ALEGRE, BRAZIL

Abstract

I report the research carried out in July and August 2022 in the city of Porto Alegre, RS, Brazil. On this occasion I was a researcher with a CIERA grant (France), an institution linked to the Center for European and German Studies, in one of its projects based at the Federal University of Rio Grande do Sul and the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. The postdoctoral internship was privilegedly hosted in the Postgraduate Program in Social Anthropology, especially in the Visual Anthropology Center (Navisual) and in the Visual Effects Image Bank (BIEV), participating in disciplines and meetings. The subject of my research dealt with the performance of Afro-Brazilian rituals and the relationship with theater. This account takes the form of a travelogue, because my apprenticeship and my discoveries often took place in the mode of a chance encounter. This writing follows a chronological order to show the sequences of events.

Keywords: International Exchange, Performance, Rituals, Theatre, Anthropology.

Recebido em: 1º de novembro 2022

Aceito em: 1º de dezembro 2022

¹ Universidade de Paris Nanterre e Universidade de Paris 8, França. E-mail : helisenne.lestringant@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-3768-8262>

Confronto entre teoria e realidade



Primeiro nascer do sol à partir do apartamento de Cornelia Eckert, Chica. Porto Alegre, julho 2021.
© Coleção privada. Foto tirada por H  lisenne Lestringant.

Em julho e agosto de 2022, realizei uma primeira etapa de pesquisa de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no sul do Brasil, graças a uma bolsa de mobilidade do CIERA. De acordo com minha proposta feita a esta organiza  o alguns meses antes, eu queria estudar os rituais afro-brasileiros do ponto de vista da performance. Foi um estudo na jun  o dos campos de conhecimento da antropologia e do teatro.

Tenho um perfil híbrido, entre estudos de teatro e da língua alemã. Concl  i meu doutorado em estudos teatrais sobre o trabalho do diretor, intérprete e diretor alemão Christoph Schlingensief em dezembro de 2021². Neste projeto aproximei minhas forma  es acad  micas, eu diria, duplas habilidades como germanista (Mestrado na ENS de Lyon, depois agrega  o de alemão em 2016) e apaixonada pelo teatro, como praticante e investigadora³. Há vários anos que pretendo ligar a minha paixão pelo teatro a outras abordagens, em particular    minha predile  o por línguas estrangeiras. Esta forma  o de dupla via, me permite ensinar em duas disciplinas, em teatro na Universidade de Paris Nanterre (história da encena  o de Wagner e década de 1940 no

² Tese de doutorado intitulada *Arte como organismo vivo: a obra de Christoph Schlingensief* sob a dire  o de Marielle Silhouette (Universidade de Paris Nanterre) em supervisão conjunta com Annemarie Matzke (Universidade de Hildesheim, Alemanha), defendida em 4 de dezembro de 2021 na Universidade de Paris Nanterre, França.

³ No meu site www.helisenne.com, explico minha forma  o e meus vários projetos.

Ocidente) e, em alemão, na Universidade de Paris 8 (Licenciatura LEA e Mestrado em Comércio e Geopolítica).

Meu doutorado e experiências internacionais

Durante minha pesquisa de doutorado, o interesse de Christoph Schlingensief pela África, continente que ele considerava o berço da arte e a resposta à crise do sistema de crenças cristão ocidental, na época em que sabia que estava condenado por um câncer de pulmão, me marcou. Tive então a oportunidade de viajar para Burkina Faso, para atuar no Festival Internacional de Teatro e Marionetas de Ouagadougou (FITMO)⁴ onde Schlingensief criou uma instituição original, o “Village-Opera”, um espaço de convivência e residência artística.

Por outro lado, no verão de 2021, tive a oportunidade de descobrir, durante um estágio de teatro físico inspirado nas cerimônias vodu haitianas no Instituto Grotowski na Polônia, organizado pelo laboratório Artec⁵, certos rituais de matriz africana. Grotowski, grande mestre do teatro contemporâneo falecido no final dos anos 1990, fora cativado, durante sua viagem ao Haiti, por certos rituais de vodu em que via a chave da encarnação a que um ator deveria chegar: vestindo figurinos singulares e recorrendo a adereços, os pais de santo incorporam os espíritos que descem no âmbito do ritual, com uma energia incrível a fim de realizar um espetáculo performativo em contato direto com os espectadores. Durante o curso, exercícios cruzados entre o teatro e a iniciação aos rituais de vodu, com as suas danças e cantos, permitiram aos participantes refletir sobretudo sobre a dinâmica de reintegração de um indivíduo em uma comunidade, após uma fase de isolamento.

O estágio de pesquisa na Polônia e a experiência em Burkina Faso me fizeram querer trabalhar com rituais religiosos de origem africana. Por outro lado, desde minha primeira viagem solitária em 2015, para Argentina e para a Bolívia, me interessei pela celebração da Pachamama, a "mãe terra". Este ritual que agradece por libações nas culturas andinas, me interessou e impactou. Esse interesse não é ingênuo, mas revestido de leituras e formação teórica, pois admiro a obra de Claude Lévi-Strauss e de Nathan Wachtel, a primeira trata do Brasil, a segunda trata dos Andes. Tendo um nível

⁴ Jules Renard's *Le Pain de ménage*, realizada com Christolin Rodlin em outubro de 2021.

⁵ Estágio organizado por Fabrice Nicot e Stéphane Poliakov com o laboratório de pesquisa Artec, Paris 8 e Instituto Grotowski.

razoavelmente bom de espanhol desde o colegial, a língua não foi um problema. Como fui afetada pelo tema, nesta viagem, almejei, desde então, desenvolver uma pesquisa de campo etnográfica na América Latina mais cuidadosa.

Pensei assim em aproveitar os meses de julho e agosto, correspondentes às férias de verão na universidade francesa, para realizar este projeto. Espero no futuro ainda desenvolver um pós-doutoramento de maior duração. Atrelado à minha formação de germanista, penso em construir projeto que aproveite minha experiência de transitar entre a França e a Alemanha para minha formação e quiçá incluir um terceiro país, na África ou na América Latina. Mas, pelo momento, desenvolvi um projeto de pesquisa-ação pontual com o seguinte objetivo: refletir sobre os rituais extraeuropeus graças aos recursos do cenário teatral. Afinal esta vertente de experimentação tem uma base sólida a partir de minha formação nas duas metrópoles onde vivi, Paris e Berlim. Em ambas eu também participo de rede de atores e artistas performativos, o que me permite realizar projetos com regularidade e rapidez com uma equipe entusiasta.

A bolsa CIERA e a chegada em Porto Alegre

CIERA, é o Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas da Alemanha que reúne doze dos mais prestigiados estabelecimentos franceses de ensino superior e pesquisa em um grupo de interesse público. Dentre suas ofertas, o CIERA possibilitou que eu me candidatassem para a bolsa de mobilidade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Porto Alegre, RS. Para esta inscrição eu procurei informações sobre a seção de antropologia. Me deparei com um Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social bastante consolidado e muito bem-conceituado. Encontrei igualmente informações sobre a linha de pesquisa de antropologia visual. Imediatamente contatei, em alemão, uma das professoras do Núcleo de Antropologia Visual por causa de seu nome que me soou alemão: Cornelia Eckert. Cornelia ou Chica, veio a ser a minha interlocutora privilegiada durante os meses seguintes como também me hospedou em sua casa. Este convite foi providencial pois percebi que os aluguéis estavam acima do meu orçamento. Assim fiquei hospedada no apartamento de Chica por um mês inteiro. Chica Eckert é um grande nome da antropologia visual que pretende dar um lugar central à documentação iconográfica neste campo do conhecimento. A emérita professora é especialista na questão da memória das cidades, pesquisa que a levou a trabalhar em Porto Alegre, mas também no bairro de Kreuzberg

em Berlim ou Belleville em Paris. Ela fala francês e espanhol perfeitamente, alemão razoavelmente bem, sendo de família luterana que emigrou para o Brasil há três gerações; ela era por todos esses motivos a pessoa perfeita para me familiarizar gentilmente com um novo mundo. O constrangimento material que marcou a minha viagem transformou-se curiosamente desde o início numa grande oportunidade: a convivência com ela permitiu-me entrar plenamente no mundo da antropologia brasileira.

O tema de pesquisa

Os ritos de passagem prenderam minha atenção *a priori*. Quis estudar o que havia de mais marcante entre dois momentos, quando uma pessoa se submete a um ritual e quando sai dele. O que estava sendo criado era, como Victor Turner (1986) estudou em sua *Anthropology of Performance*, semelhante ao que ocorre em uma performance que consegue atuar sobre o espectador. Este, influenciado por uma ação previamente planejada, saíria de um espetáculo, transformado.

Desde antes da minha viagem ao Brasil, eu estava convencido de que existia uma forma de teatro ritual nos quilombos, que são bairros criados na época da escravidão pelas populações africanas desde o século XV. São lugares de segregação e bairros de resistência organizada contra opressores, onde as práticas religiosas e culturais dos escravos africanos puderam sobreviver. Muitos quilombos permanecem hoje, mas fechados ao exterior, por razões óbvias. Minha hipótese de um teatro-ritual que teria existido nos quilombos foi, no decorrer de minha pesquisa, colocada em xeque em função do entendimento do que é um quilombo hoje. Situação que conheci ao visitar um quilombo perto de São Félix, no Estado da Bahia. Voltarei a este tema.

A pesquisa no Brasil

Chegando em Porto Alegre, primeiro temi não estar no lugar certo. De fato, a cultura do sul do Brasil não é semelhante ao resto do país. O “gaúcho”, que designa um habitante de Porto Alegre, é culturalmente próximo do argentino e do uruguaio, europeizado tanto pela aparência física quanto pelo modo de vida. Tudo, portanto, parecia distanciar o gaúcho da prática das religiões afro, herdadas das populações escravizadas desde o século XV. No entanto, rapidamente descobri que eu estava no

melhor lugar para começar minha busca. De fato, o Rio Grande do Sul é a segunda região do Brasil com mais casas de religião afro-brasileiras depois do Rio de Janeiro, de acordo com pesquisas oficiais⁶. Entre as religiões afro-brasileiras, pude assim me interessar por dois de seus ramos: a religião do batuque – cujo nome vem de batucada, que é o ritmo e o tambor do ritual –, o binômio umbanda e quimbanda, finalmente descobriria mais tarde, na segunda parte da minha viagem ao Nordeste, o candomblé. Vindo da mesma matriz, essas religiões são irmãs, mas certas particularidades em suas práticas e cosmologias, as distinguem claramente, de uma região para outra. Um léxico acompanha essas religiões: os religiosos ou as religiosas são chamados de "pai de santo" ou "mãe de santo", sua casa é também em geral o local dos rituais, uma "casa de religião", que alberga um terreiro, ou seja, o "território sagrado" onde decorrem as cerimônias, em determinadas salas bem delimitadas.

Graças à ajuda da professora Cornelia Eckert (Chica) e de Elisa Algayer Casagrande, uma de suas alunas de doutorado, tive duas experiências fundamentais desde minhas primeiras semanas em Porto Alegre: conhecer o pai de santo do Batuque Pai Loui, e participar de um ritual de umbanda branca ("umbanda branca" que se opõe à umbanda de "linha cruzada"). Mais tarde, conheci outra "mãe de santo" do Batuque, Mãe Carol, durante um ritual em sua casa de religião.



Pai Loui, mostra o espaço reservado ao espírito dos mortos em sua casa de religião batuque, terreiro de Oxum, Porto Alegre, agosto de 2022.

© Coleção privada. Foto tirada por H. L., autorizada pelo Pai Loui.

As pequenas estruturas de culto se revelaram ser aquelas que foi possível observar com mais cuidado nas religiões afro-brasileiras. As duas entrevistas particulares que pude realizar com Pai Loui e com a Mãe Carol, foram luminosas para o início de minha

⁶ Este elemento é baseado no censo nacional de 2010 com projeção para o ano de 2020.

pesquisa ao me fornecerem definições sólidas de umbanda, quimbanda, batuque e nação.



Mãe Carol me explica sobre o uso de diferentes colares ou guias.
© Coleção privada. Foto tirada por H. L., autorizada.

Os coletivos de teatro

Uma outra pista logo se desenhou: há muito tempo me interessei por grupos de teatro que trabalham em coletivos de forma intensa, misturando cotidiano e criações⁷. Eu tive a oportunidade participar de uma oficina de um grupo teatral e de assistir a um documentário sobre o coletivo “Ói Nós aqui traveiz”, apresentado na rua Santos Dumont no bairro de São Geraldo em Porto Alegre. O filme resumia a história dos 40 anos de existência do coletivo e insistia em sua missão pedagógica de transmitir a visão de uma arte popular. Participei de toda oficina que incluiu atividades práticas e que aconteceram no sábado seguinte, destinada a atores profissionais e amadores.

Durante minha última semana em Porto Alegre, conduzi uma entrevista de 3 (três) horas em português com seu fundador, Paulo Flores. Fiz a entrevista com o objetivo de escrever um artigo sobre “Oí Nós aqui traveiz” sobre o qual aparentemente ninguém escreveu ainda, apesar do lugar decisivo do coletivo na história do teatro brasileiro contemporâneo⁸. Importante dizer de que existem vínculos óbvios entre as religiões afro-brasileiras e as inspirações do coletivo, como atesta o título de sua revista

⁷ Meu segundo mestrado, sob a direção de Jean-Louis Besson, foi dedicado a três coletivos do “Freies Theater” em Berlim, Alemanha.

⁸ Pode-se comparar a importância deste coletivo ao Teatro « du Soleil » de Ariane Mnouchkine.

Cavalo louco, referência explícita à figura dos cavaleiros, dos caboclos indígenas, entidades veneradas nas umbandas, mas também a denominação de seu centro como “terreiro da Tribo”, literalmente “território sagrado”, retirado do vocabulário das religiões afro. Esta pretensa inspiração coaduna-se com a ambição de um teatro inspirado por entidades superiores e de uma exigente energia vital face ao espectador. A referência ao teatro da Crueldade (théâtre de la Cruauté) de Antonin Artaud é essencial: o teatro desenvolve-se fora do âmbito da instituição, antes na rua e durante as festas carnavalescas, é uma verdadeira ação para viver de forma direta com os espectadores.



Entrevista com Paulo Flores no dia 8 de agosto 2022 no terreiro da Tribo, Porto Alegre
© Coleção privada. Foto tirada por Marcelo Tadvald.

Experiência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e outros percursos

Na Universidade da UFRGS, fiz uma primeira visita ao Núcleo de Antropologia Visual. Também participei de duas disciplinas. Seminários estes ministrados pelos professores Vítor Queiroz e Alex Nakáoka. O primeiro sobre a análise dos sistemas simbólicos em Lévi-Strauss, e o segundo sobre os métodos fotográficos na antropologia visual. Na sequência, Chica Eckert me fez conhecer pesquisadores que passaram pela UFRGS e que trabalharam com temas próximos aos meus, como Marcelo Tadvald, que foi determinante para o avanço da pesquisa sobre o tema religiões afro-brasileiras. Também entrevistei o Professor do Instituto de Educação, Gilberto Icle, que explicou o significado de etnocenologia, definido por Jean-Louis Pradier.

No final das contas, as reuniões e discussões mais decisivas sobre meu objeto de

pesquisa não ocorreram estritamente no âmbito de seminários na universidade, mas em lugares mais inusitados e de maneira mais informal. Após uma apresentação no centro cultural do campus da UFRGS próximo à Faculdade de Direito, durante evento organizado por Ligia Petrucchi, tive a oportunidade de conhecer pesquisadores cruzando seus conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira com diferentes enfoques: unindo-se a métodos de atuação para Celina Nunes Alcântara; ou com astrofísica para Alan Consun. Embora ambos sejam professores da UFRGS, foi uma apresentação de dança que nos uniu.

Minha presença em Porto Alegre permitiu-me definir duas direções principais para minhas pesquisas futuras: por um lado, o trabalho teatral coletivo, inspirado nas religiões afro, numa concepção do teatro como instrumento eficaz de atuação sobre o espectador, no sentido de Antonin Artaud, e o papel dos rituais na comunidade, por outro lado, com certa porosidade entre esses dois domínios, ambos preocupados com o sincretismo. Durante a viagem, percebi que captar o espírito de sincretismo de certos lugares era mais difícil do que eu imaginava. Assim, ir a um lugar de alto sincretismo entre a religião católica e a cultura afro-brasileira, por exemplo à igreja da Lavagem do Bonfim numa sexta-feira em Salvador, não revela necessariamente as chaves dessa cultura; é mais no espírito dos baianos e mesmo de todo o Brasil, tanto no cotidiano como nas cerimônias, que se sente o sincretismo. Sua onipresença, paradoxalmente acompanhada de sua intangibilidade, permanece difícil de definir para o pesquisador estrangeiro.

Circuitos rizomáticos

As pessoas que conheci em Porto Alegre me ajudaram a tecer uma rede de conhecidos que ia muito além do quadro desta única cidade do sul do Brasil, como se esses encontros tivessem se espalhado, segundo a estrutura subterrânea do rizoma descrito por Gilles Deleuze e Felix Guattari. Foi por simpatizar com um policial federal que conheci em um café do bairro BomFim, em Porto Alegre, que mais tarde vim conversar com um de seus amigos pelo Whatsapp, Matheus Foster Dias, aluno de mestrado em teatro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, explorando em sua pesquisa performativa a figura da divindade Exu do Candomblé. Por sua vez, Matheus, por meio das redes sociais, me colocou em contato com a professora de dança Lau Santos, em Salvador (UFBA), que aprofunda o vínculo entre a dança e os Orixás, as entidades divinas

das religiões afro. Matheus então me hospedou no Rio de Janeiro para a penúltima etapa da minha viagem. Muitos exemplos semelhantes surgiram: foi em uma visita à escola particular de teatro de Zé Adão Barbosa (cujo contato consegui através de um amigo em Paris), que conheci um de seus professores de teatro que me colocou em contato com Mãe Carol.

Lugar de fala

A questão do “lugar de fala”, retomada pela pesquisadora brasileira contemporânea Djamilia Ribeiro, é particularmente candente hoje. Essa fórmula questiona o lugar que uma pessoa se dá para falar sobre uma cultura estrangeira. Hoje existe a opinião de que você tem que pertencer a uma comunidade para poder falar dela. Seguindo essa lógica, não posso falar sobre os rituais das religiões e crenças afro-brasileiras por ser um europeu branco.

Atualmente estou descobrindo a ética do pesquisador antropológico que se depara com esse problema: sua posição é baseada no profundo respeito pela cultura a que se dirige. Por exemplo, você nunca deve tirar uma foto sem a permissão do sujeito, mas sempre pedir consentimento e, assim, assumir sua câmera como parte do dispositivo de observação.

Uma experiência foi fundamental para aprofundar meu entendimento sobre o “lugar de fala”: em Porto Alegre entrevistei o pesquisador e ativista Iosvaldyr Bittencourt Junior, 60 anos, de origem afro, sobre os quilombos e a religião minoritária que ele documenta, a Caxanga de Moçambique. Nossa reunião começou às 10h. Meu interlocutor falou muito rápido e eu entendi cerca de 40% do que ele disse. Pelas minhas intervenções discretas, educadas, mas claras, para incentivá-lo a desacelerar, ele poderia suspeitar das minhas dificuldades. Porém, no ventoso salão da Casa de Cultura onde aconteceu nossa entrevista, Iosvaldyr Bittencourt Junior, inesgotável, falava densamente. Atirou-se mesmo, cheio de paixão, em várias manifestações de dança da comunidade da Caxanga em Moçambique.

Às 18h, após 8 horas de logorreia, incluindo 3 horas gravadas no celular, recompensado com três brindes, um livro, um CD e uma revista, tive que me esgueirar para outro compromisso. Iosvaldyr Bittencourt Junior faz campanha pela história e reconhecimento da identidade cultural dos quilombos e por estabelecer documentação sobre o culto da Caxanga de Moçambique. Este dia foi muito difícil para mim, mas eu

estava convencido no dia seguinte de que este "lugar de fala" estava lá: não no "meu lugar" de fala para mim, mas onde a palavra havia sido tomada por outro, que espera que escreverei sobre a causa que o anima. Obviamente, é problemático que esse pesquisador brilhante se orgulhe de que um europeu branco se interesse por sua cultura. Mas estou convencido de que todos devem lutar onde podem no momento e me sinto responsável por escrever sobre o que entendi sobre as culturas afro-brasileiras durante esta primeira estada no Brasil. Serei sempre grata por sua ajuda.

Na UFRGS, também fui apresentado ao Instituto de Letras por seu diretor Raimundo Rajobac, que me mostrou a escola até os seus menores cantos e me permitiu assistir a uma aula de música popular, segundo uma tradição educacional que invejo. Qualquer que seja sua disciplina, os alunos aprendem a improvisar musicalmente juntos. Participei de vários cursos, aulas de teatro, notadamente com Ciçak Reckziegel, Celina Nunes Alcântara e Silvia Balestreri que aplica as teorias de Augusto Boal, tendo trabalhado desde as primeiras horas do Teatro do Oprimido no Rio. Durante essas aulas práticas, tomei consciência, como nunca antes, do poder do teatro como linguagem universal. Consegui fazer improvisações faladas em português, apesar da minha recente estreia nesta língua.



Improvisação segundo o método do teatro-fórum de Augusto Boal, aula de Silvia Balestreri
(No papel de "mocinha" racista, estou à direita)

Bahia, Salvador e São Félix

Rapidamente, percebeu-se a necessidade de deslocar-se para o norte do país, com maior proporção da população de origem africana, e grande número de casas de religião

de candomblé. Então fui para a Bahia e fiquei nas cidades de Salvador e São Félix.

Observação participativa

O professor Felipe Fernandes da Universidade Federal da Bahia, que conheci por intermédio de Chica Eckert, me recebeu gentilmente e me ajudou, a quem agradeço imensamente. Me sugeriu a ideia de fazer uma excursão antropológica em São Félix, a duas horas de Salvador, para conhecer uma estrutura menor e tirar todas as minhas dúvidas com uma mãe de santo. Uma interlocutora que prontamente me recebeu, longe do fluxo incessante de turistas e pesquisadores de Salvador. Felipe me emprestou sua casa por vários dias. Pude assim visitar a casa de candomblé Filhos de Oxum, com Mãe Sem Brinco e um primeiro quilombo. A estada em São Félix, com duração de 4 dias, ocorreu em outro intervalo de tempo. Mãe Sem Brinco e sua filha, Milena, me receberam muitas vezes em sua casa.

São Félix, em frente a Cachoeira, não é uma cidade turística. Cavalos soltos pastam na grama ao longo de trilhos antigos que levam a uma antiga estação de trem coberta de ervas daninhas. A casa de Felipe fica às margens do rio Paraguaçu onde à noite ressoam os tambores das casas de religião.

Depois de observar e participar de vários rituais, eu mesmo me submeti a um ritual de purificação no terceiro dia, a conselho de Mãe Sem Brinco e outra mãe de santo. O ritual durou cerca de uma hora, no pátio do terreiro de frente para o rio. Eu estava primeiro no centro de um círculo descrito por pratos cheios de oferendas. Mãe Sem Brinco derramava sobre mim o conteúdo de cada prato enquanto Milena, sua filha, cantava em iorubá. Depois tomei dois banhos, um com água limpa, outro com água macerada, antes de vestir uma roupa branca.

Eu não conhecia os prós e contras do ritual antes de fazê-lo. Foi um ritual de “encerramento” do corpo e do espírito, durante uma semana. Vestindo um xale branco, vestida de branco da cabeça aos pés, eu usava três colares rituais em volta do pescoço. Até para dormir, quase não conseguia tirar nada. Eu escrupulosamente, tanto quanto pude, com meu entendimento das regras desse ritual específico do candomblé, respeitei o que tinha que ser feito, para que o ritual desse certo. Esta é uma forma de honrar esta religião e de compreender, através da participação, um de seus aspectos. De certa forma, essa experiência se aproxima do método de observação participante na antropologia. Vestir o traje típico do candomblé por uma semana também me levou a ter conversas cativantes

sobre fé e candomblé com as mais diversas pessoas que conheci.

Qualidade da vida diária

Em nosso cotidiano, geralmente tendemos a fugir da rotina e a própria palavra é carregada negativamente. Durante esta estada de pesquisa, descobri seu outro lado inestimável. Gostava de morar em apartamento na cidade, ir ao supermercado mais próximo, voltar lá quando esquecia de comprar alguma coisa. Um verdadeiro desafio está na possibilidade de fazer uma ação duas vezes: assim que você volta a um lugar ou revê uma pessoa, a relação muda. A sensação de familiaridade permite penetrar num mundo que já não nos é totalmente desconhecido.



Mãos de Mãe Sem Brinco

© Coleção particular. Foto tirada por H. L.

Essa qualidade de vida cotidiana permite vivenciar a temporalidade de um lugar de uma maneira diferente. Senti isso principalmente nos terreiros que frequentei na Bahia. Nenhum ritual foi planejado especificamente para as datas em que estive no Brasil – com

exceção do festival anual da Pomba Gira em 13 de agosto. Mas ao permanecerem nos mesmos lugares, outros rituais, menores e menos conhecidos, aconteciam. Em Salvador, enquanto visitava a Casa Branca, um importante local de culto do candomblé, e nenhuma festa estava a priori marcada para julho, fui convidado a voltar no dia seguinte para um ritual. Infelizmente, não pude honrar o convite, mas este episódio mais uma vez sublinhou a importância de ser flexível na realização de pesquisas antropológicas aprofundadas.

Em São Félix, no terreiro "Filhos de Oxum" de Mãe Sem Brinco, compareci à festa do Legba, numa segunda-feira de agosto, para lhe oferecer o último milho do ano, em forma de pipoca (pipoca). Depois de saudar a caixa onde estava uma estátua de Saint-Roch, nada de especial aconteceu. Vizinhos vinham se servir de pipoca, só isso. Este ritual é para mim emblemático de uma certa realidade do candomblé, misturando o cotidiano e o sagrado. A fé nem sempre se expressa no espetacular, mas no entrelaçamento do cotidiano e do sagrado.



Na terra dos Filhos de Oxum, Mãe Jacyrta "Sem Brinco"

© Coleção particular. Foto tirada por H. L.

Ao se tornar parte de um lugar a longo prazo, ao dedicar tempo para construir relacionamentos com seus habitantes, outras oportunidades surgem. Os relacionamentos que desenvolvi com certas pessoas me impressionaram. Eles não me trataram como um turista europeu branco; havia entre nós uma relação de iguais, o que me fez sentir que os laços de confiança ou amizade nascente eram sinceros.

A caminho da casa de Pierre Verger

“O caminho é tão bonito quanto a meta, senão mais”, minha experiência de pesquisa na casa do antropólogo francês convertido ao candomblé Pierre Verger, falecido em 1996, é uma ilustração direta disso. Esta é uma figura muito respeitada do candomblé no Brasil: depois de fotografar seus ritos, converteu-se e tornou-se pai de santo. Tentei duas vezes visitar sua casa em Salvador da Bahia. A primeira, num sábado, estava fechada. Então comprei um salgado numa lojinha da esquina e a cozinheira Valquíria me informou que um grande terreiro de candomblé no fim da rua estava comemorando Oxumarê na mesma noite. Graças a esse encontro fortuito, assisti na mesma noite pela primeira vez a uma longa cerimônia que durou das 20h às 4h.

Alguns dias depois, tentei novamente visitar a casa de Pierre Verger, mas só tive uma hora. No entanto, o responsável pelo museu estava almoçando. No pátio interno estava almoçando a mãe de santo Cici, octogenária, que trabalhou muitos anos com Pierre Verger e iniciamos uma discussão sobre minha pesquisa. As vicinais me ensinaram mais sobre Pierre Verger do que sua casa fechada.

Abrace a pluralidade

Comparação dos perfis de mãe e pai de santo

Viajar me permitiu comparar diferentes realidades do Brasil, tanto do ponto de vista das religiões quanto da cultura brasileira como um todo. Descobri diferentes perfis de pai e mãe de santo que no Rio Grande do Sul eram mais brancos, jovens, com nível de estudo superior ao de Mãe Sem Brinco, na Bahia, cujo pai foi escravo e para quem o candomblé tem sempre foi um espaço de resistência identitária.



Mãe Sem Brinco, em casa, São Felix, Bahia, agosto de 2022
© Coleção particular. Foto tirada por H. L.

Política e luta contra o racismo

Soube da existência da lei de cotas, “lei de cotas minoritárias na universidade”, durante o seminário organizado por Felipe Fernandes na UFBA, em Salvador. Assim, por ocasião do 10º aniversário da revisão desta lei, Felipe organizou com o Centro de estudos Afro-Orientais este seminário onde vários graduados, professores e alunos de minorias afro, indígenas ou quilombolas, vieram testemunhar sua experiência e sugerir mudanças.



Seminário sobre a “Lei de Cotas” na universidade, Salvador, 18 e 19 de agosto de 2022
© Coleção particular. Foto tirada por H. L.

No Rio de Janeiro, entendi melhor, graças às conversas com Matheus Foster Dias, que fez campanha para o candidato federal Henrique Vieira, um pastor progressista defensor da liberdade de culto, as questões políticas atuais levantadas pela eleição de Lula. Graças a Matheus, descobri a história da esquerda brasileira por alguns anos, e em especial a figura emblemática de Marielle Franco, militante política feminista afro, de origem lésbica, assassinada em 2018 em uma rua do Rio, quando voltava para casa de uma reunião política. O seminário sobre a lei de cotas em Salvador e depois minha estada no Rio com Matheus, em plena campanha pró-Lula, foram fundamentais para entender os desafios políticos que se colocam ao pesquisador que hoje trabalha com o Brasil.

A questão das religiões afro-brasileiras é eminentemente política: são religiões que foram impedidas, coibidas em sua prática e em seu proselitismo, pelo poder colonizador português desde a colonização. Hoje, o atual presidente do Brasil, Bolsonaro, demoniza essas religiões e, ao mesmo tempo, promove a Igreja evangélica fundamentalista que objetiva influenciar populações pobres à uma guinada conservadora. O debate regularmente acirrado em torno dos sacrifícios de animais reflete a repressão a que estão sujeitas as religiões afro. Muito regularmente, as leis tentam legislar para proibir a matança de animais, enquanto os sacrifícios são um dos pilares de suas cerimônias. Essas leis de seita, que não se preocupam com o abate em massa de gado, mas se concentram nos sacrifícios de animais das casas de religião, tentam reduzir a presença dessas religiões minoritárias. Colocar essa questão perpetuamente no centro das atenções do debate público ajuda a desacreditar as religiões afro com uma população branca que, em sua maioria, as ignora.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, no final da viagem, ainda estava com a roupa branca do candomblé e me juntei a Matheus na estação central do Metrô, Carioca, onde ele distribuía panfletos para Henrique Vieira. A equipe do candidato federal ficou muito feliz com a presença de uma pessoa usando os símbolos do candomblé para defender a liberdade de culto. Vi-me assim, quase a contragosto, mas com muito orgulho, envolvida na campanha pró-Lula, distribuindo panfletos para Henrique Vieira, na foz do grande metro.

Num lugar privilegiado da cultura afro-carioca, a casa de Nando, compreendi graças a uma pintura o significado do termo "aquilombamento": trata-se da forma como as pessoas de minorias se reconhecem e se apoiam mutuamente. É uma resposta organizada por grupos dominados à repressão secular. Esta questão me toca e gostaria

de ajudar, através da minha escrita e da minha ação artística, a levar a voz das populações marginalizadas.



Casa de Nando, agosto de 2022, Rio de Janeiro
© Coleção particular. Foto tirada por H. L.

O resultado da viagem

Ao final de minha estada em Porto Alegre, teria o prazer, durante uma conferência, de compartilhar meus conhecimentos de teatro e alemão com os alunos da UFRGS. Com o professor Nicolas Maillard, ex-responsável pelas relações internacionais, tentamos, em agosto, organizar um encontro onde eu falaria sobre minha tese, ou seja, sobre o diretor alemão Christoph Schlingensiefel e sobre minha pesquisa de pós-doutorado e minha atuação. Infelizmente, a administração não conseguiu agenda para anunciar minha conferência e encontrar uma sala.

Durante o recente contato com a diretora do CDEA na UFRGS, Profa. Claudia Lima Marques, levantamos a possibilidade de eu fazer duas conferências, uma semelhante à prevista para agosto em Porto Alegre, a outra dependendo dos desejos dos alunos, no teatro alemão ou no meu pós-doutorado pesquisa sobre rituais. Além dos dois projetos de congressos da UFRGS, estou planejando uma performance com os alunos dessa universidade, em artes, antropologia e com todos que desejarem. Essa vontade nasceu do encontro com Ligia Petrucchi, que trabalha no Centro Cultural no coração do campus Centro, depois de uma conversa com o diretor do Goethe Institut de Porto Alegre, Stephan Hoffman.

Gostaria de aproveitar o fato de a UFRGS ser a primeira universidade brasileira a

ter um núcleo antirracista sediado na faculdade de direito, para dar visibilidade às práticas afro-brasileiras desconhecidas da maioria dos habitantes desta cidade. Esta performance, que poderia acontecer no Centro Cultural, tornaria visível um assunto bastante tabu. Seria também uma oportunidade de utilizar os ensinamentos de Silvia Balestreri sobre o teatro do oprimido para lutar, por meio de um teatro ilustrado, contra o preconceito..

Segundo um método que testei em Paris e Berlim com minha trupe de teatro, quero partir das histórias pessoais de alunos relacionadas aos rituais afro-brasileiros. Com meu olhar de diretora, irei assessorá-los na dramaturgia de seus projetos, para esclarecer as propostas cênicas. Sendo um especialista em performances *site-specific* em locais não teatrais, gostaria de usar vários sites do Centro Cultural para animar espaços menos tradicionais de performance.

Este trabalho faria parte tanto das atividades sociais da universidade quanto da minha pesquisa de pós-doutorado do tipo "pesquisa-ação", incluindo uma seção de experimentação teatral no set. Este projeto também exploraria os termos relativos às culturas afro-brasileiras “intraduzíveis” em francês, terreiro, batuque e tantos outros, uma rica fonte de inspiração para inventarmos as performances juntos.

Aspectos práticos

Linguagem

No início da estada, eu falava, entre as línguas latinas, muito espanhol, pouco italiano, nada de português. Fiquei um pouco perdida no início dos seminários. Mas graças ao meu pequeno método de linguagem Harraps comprado em Paris antes da partida, finalmente adquiri conhecimentos de português muito rapidamente. No final da estadia, conduzia longas conversas durante todo o dia sobre assuntos tão diversos quanto específicos.

Aprender português me trouxe de volta a algumas considerações sobre línguas estrangeiras. Lembrei-me porque muitos não o fazem. Voltamos a ser crianças, temos que reaprender o alfabeto, que necessariamente é dito de outra forma! Somos forçados a seguir com ouvidos mal aguçados os adultos que estão lá em cima discutindo rapidamente assuntos políticos emocionantes. Em um assunto específico, você pode passar por um ignorante quando tem coisas a dizer. Parece-me que aprender um novo idioma por amor ao conhecimento, é aceitar tudo isso e acreditar que um dia também nós poderemos discutir as coisas com naturalidade. Sabemos que se continuarmos e persistirmos, um dia

seremos levados a sério em outra cultura e que é uma das coisas mais loucas da Terra. Ironicamente, quando chega esse momento, não nos lembramos mais da fase dolorosa. É então cheio de humor aprender um novo idioma por diversão: sabemos que talvez não o façamos, sabemos que passaremos por uma pessoa retraída por um, dois, três meses e que, muitas vezes, não conseguiremos reagir de forma adequada. Mas estamos prontos para jogar com muita esperança.

O fator de risco e a questão de segurança

Cada vez que saía de uma cidade no Brasil, sentia como se tivesse escapado da metrópole mais perigosa. No entanto, fui imediatamente desenganada porque me disseram que a próxima cidade era ainda mais ameaçadora. Nas cidades onde você não pode andar sozinho à noite, se locomover com segurança assim que escurece requer um certo orçamento para Ubers ou táxis.

Pessoa de contato na estrutura do parceiro

Tive dificuldade em identificar os responsáveis pela minha chegada na estrutura de recepção. Tive o prazer de ter um escritório dentro do *Institut d'Amérique Latine*, graças a Claudia Lima Marques e Nicolas Maillard, mas a longa jornada até o campus do Vale não permitiu muita flexibilidade na organização do meu trabalho. Um escritório no centro seria ideal.

Mesmo que esta parte não seja mais de sua responsabilidade, Nicolas Maillard, ex-responsável por intercâmbios internacionais, gentilmente me ajudou a tentar organizar minha conferência. Todos os professores e pesquisadores que conheci sempre quiseram me ajudar, de forma que a cada dia eu encontrava uma nova pessoa relacionada à minha pesquisa. Essa efervescência e a grande legitimidade que meu lugar de pesquisadora convidada me deu me proporcionaram uma experiência incrível.

O orçamento

Felizmente, muitas vezes fui hospedada de graça porque mais da metade da minha bolsa foi imediatamente usada para minha passagem de avião. A bolsa era no valor de 1300€ e só o bilhete custava 1600€. O que me sobrou depois de comprar este primeiro

bilhete de avião foi usado para pagar o segundo bilhete para o voo interno, de Porto Alegre para Salvador (cerca de 250€) e para a vida quotidiana, nomeadamente transporte diário (táxis, Uber, autocarro) e minha dieta.

O método antropológico, da teoria ao campo

Gostei de viajar pelo país e sou infinitamente grato à equipe de antropólogos/as da UFRGS que me incentivou a ousar viajar. Agora minha vontade é de voltar com bastante tempo para reviver essa qualidade do cotidiano e aprofundar os laços humanos já tecidos, ao longo do tempo.



Último pôr do sol de Porto Alegre em agosto de 2022
© Coleção privada, foto tirada por Marcelo Tadvald.

Epilogue

Estou terminando este relatório, pois o primeiro turno eleitoral acaba de ocorrer no Brasil. Durante meus dois meses de imersão, conheci cerca de 60 pessoas. Todos eles apoiaram o Lula. Quando descobri os resultados do primeiro turno, fiquei surpreso ao ver que alguns cargos-chave em várias cidades haviam sido conquistados no primeiro turno por representantes do Bolsonaro. Este estado de coisas me dá a impressão, mais do que antes, de uma enorme divisão entre dois mundos que não se comunicam mais. A mídia que assisto não me informou sobre a probabilidade de um tal empurrão bolonarista. Minha recente experiência brasileira me faz sentir intensamente como tudo pode mudar em um

instante em um país de mil riquezas que, no entanto, deve lutar para ser igual e por justiça social. Sinto-me ainda mais fraterna por uma certa comunidade que questiona, critica, na universidade ou nas artes.